

Paralelismo por contraste em Português Europeu

Aida Cardoso
FLUL/CLUL

Abstract

This study focuses on the encoding of contrast in European Portuguese (EP), by analyzing a corpus built from a political debate. We will analyze contrastive parallelism structures, which, as will be discussed, are crucial in structuring an argumentative discourse. Therefore, our goal is to discuss the prosodic encoding of contrast in EP, in the specific context of contrastive parallelism, and to relate our data with previous results for other languages. Our data reveals that there is no one-to-one relation between pitch accents and these structures. Such results seem to indicate that the prosodic encoding of contrastive parallelism is gradient.

Keywords: contrast, parallelism, prosody, political debate, European Portuguese

Palavras-Chave: contraste, paralelismo, prosódia, debate político, Português Europeu.

1. Introdução

A natureza da marcação prosódica de contraste tem sido, recentemente, alvo de um especial interesse na literatura, sendo que a discussão sobre este tópico se centra, muitas vezes, na natureza gradiente ou categórica da sua realização prosódica. Uma outra questão central neste debate emerge do estudo do contraste em diferentes línguas e está relacionada com a existência ou não de elementos universais na marcação prosódica de contraste, isto é, de elementos que são transversais às diferentes línguas.

Além disso, e uma vez que os trabalhos já existentes sobre contraste se centram não raras vezes em estruturas de tópico e de foco, a interface entre prosódia, sintaxe, semântica e discurso parece ser relevante na discussão deste tema, podendo contribuir para uma melhor compreensão da marcação linguística de estruturas de contraste.

O presente estudo centra-se na análise de estruturas de paralelismo por contraste, ou seja, de estruturas de paralelismo que veiculam um valor semântico-discursivo de contraste, presidindo a esta análise dois objectivos principais: por um lado, abordar o seu papel na estrutura do discurso argumentativo, enquanto mecanismo de coesão e, por outro, discutir a realização prosódica do valor semântico-discursivo de contraste. Considerando tais objectivos, importa pois referir que servem de fio condutor à presente análise três perguntas de investigação: (i) que propriedades prosódicas se encontram associadas a

estruturas de paralelismo por contraste?; (ii) a marcação prosódica do paralelismo por contraste é categórica ou gradiente?; e (iii) o paralelismo por contraste, enquanto mecanismo de coesão, reflecte-se ao nível do mapeamento sintaxe-prosódica, afectando o fraseamento e a melodia dos enunciados?

2. Enquadramento teórico

2.1. O paralelismo como mecanismo de coesão

O estudo da coesão e da coerência textuais adquiriu especial relevância em trabalhos surgidos a partir principalmente da década de sessenta do século passado. Neste contexto, e apesar de tradicionalmente o paralelismo ser considerado um elemento de retórica, crucialmente surge referido em estudos de referência sobre coesão e coerência textuais como um mecanismo de coesão (Halliday & Hasan, 1976).

Do ponto de vista da Sintaxe e do Discurso, em Duarte (2003), o paralelismo é tratado como um mecanismo de coesão textual, que se caracteriza pela “presença de traços gramaticais comuns (*e.g.*, tempo, aspecto, diátese), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura frásica em fragmentos textuais contíguos” (Duarte, 2003: 110). A autora prossegue chamando a atenção para algumas das relações que se estabelecem entre o paralelismo estrutural e outros mecanismos de coesão. Saliente-se, aqui, que a coesão lexical desempenha um papel relevante nas estruturas de paralelismo, na medida em que estratégias como repetição de palavras ou estabelecimento de relações semânticas entre expressões linguísticas são usadas com frequência pelos falantes.

Já numa perspectiva prosódica, o paralelismo tem sido descrito, sobretudo, como um mecanismo de cópia tonal, ou seja, como paralelismo entoacional. Refira-se ainda que o paralelismo entoacional é tradicionalmente definido como cópia tonal entre unidades entoacionais consecutivas, sendo de destacar o facto de o seu estudo não ser realizado com base em construções de paralelismo estrutural. Na verdade, em trabalhos como Palmer (1922), Crystal (1969) e Fox (1984), a cópia tonal é analisada no contexto de, por exemplo, estruturas de coordenação, subordinação e parentéticas, com o intuito de identificar contornos entoacionais específicos associados a paralelismo entoacional.

Crucialmente, estudos subsequentes, como Bolinger (1989) e Wichmann (2000), atribuem ao paralelismo entoacional uma função coesiva. Bolinger (1989), por exemplo, confere particular importância a este aspecto, ao assumir que é a repetição de um contorno entoacional, e não o tipo de contorno entoacional repetido, o aspecto mais relevante no

paralelismo entoacional, dado que é um factor determinante para se poder afirmar que aquele contribui para a coesão do discurso. O tipo de contorno entoacional, por sua vez, pode ser motivado por uma intenção comunicativa, ou seja, pela sua função discursiva ou pelo significado que lhe é associado. Neste ponto, importa, pois, destacar as sequências de cópia tonal que envolvem um contorno entoacional caracterizado por uma descida abrupta na ou logo após a sílaba tónica de um item lexical proeminente, pois estas são associadas, pelo autor, a ênfase e àquilo que designa como um “efeito dramático ou de autoridade” (Bolinger, 1989: 208). Igualmente merecedora de destaque é a possibilidade descrita pelo autor de marcar de forma enfática (através da associação a tons altos) conjunções como “e” e “ou” (elementos estes acentuados menos frequentemente noutros contextos) como forma de criar, nas palavras do autor, uma maior tensão e, assim, chamar a atenção do interlocutor.

Num trabalho posterior, Wichmann (2000) apresenta resultados relevantes neste contexto provenientes da análise do *Spoken English Corpus (SEC)*. Para além de verificar a presença de paralelismo entoacional entre acentos nucleares consecutivos, tal como anteriormente descrito na literatura, a autora também encontrou dois novos contextos de cópia tonal, a saber: (i) paralelismo entre tons diferentes e (ii) paralelismo entre grupos tonais não sucessivos. No primeiro caso, a autora defende que, perceptivamente, pode existir paralelismo entre tons altos e tons baixos. Dando o exemplo dos tons L* H e H* H, a autora explica que estes podem ser percebidos como paralelos, não pela sua categoria fonológica, mas por ambos serem realizados foneticamente através de um movimento ascendente. Obedecendo a uma lógica semelhante, os tons ascendentes (L* H) e descendentes-ascendentes (H* LH) podem também ser percebidos como paralelos, pois o movimento final destes dois tons (L* H e LH, respectivamente) é igual. Já quanto à segunda possibilidade atrás mencionada, Wichmann (2000) afirma ter encontrado no *SEC* casos de paralelismo entre grupos tonais não sucessivos, mormente devido a questões de fraseamento prosódico. Assim, e a título de exemplo, refira-se a possibilidade de, numa enumeração, os itens que a compõem serem segmentados de modo a que cada item não corresponda a um único grupo tonal. Em tal caso, e embora entoacionalmente continue a existir paralelismo, a cópia tonal não se encontra já associada a núcleos consecutivos.

2.2. Estratégias de contraste

Recentemente, a literatura tem mostrado um crescente interesse sobre o estudo de estruturas de contraste e, em particular, sobre a sua realização prosódica. Assim, refira-se, antes de mais, que as análises propostas neste âmbito se têm centrado no estudo de

estruturas de tópico e de foco. Neste ponto, salientem-se duas questões que envolvem a noção de “contraste”. A primeira diz respeito à natureza deste conceito, sendo propostas diferentes análises que consideram o contraste ora uma categoria em si, ora um subtipo de foco ou de tópico, ora ainda um dos valores semântico-discursivos associados a tópico e a foco. A segunda questão, por sua vez, está relacionada com a realização prosódica de contraste, já que estudos para diferentes línguas apresentam dados que apontam no sentido de a marcação prosódica de contraste ser gradiente ou categórica.

Quanto a esta última questão, autores como Steedman (2000) e Büring (2003) argumentam a favor da realização categórica de contraste, ao defenderem que a realização de estruturas de foco e de tópico contrastivo corresponde obrigatoriamente a um contorno entoacional específico. Büring (2003) define mesmo foco contrastivo como uma categoria linguística realizada, no caso do Inglês, através de um acento tonal descendente (“A-accent”, Büring, 2003: 2) e tópico contrastivo como um constituinte realizado por um acento tonal descendente-ascendente (“B-accent”, Büring, 2003: 2).

Pelo contrário, Féry (2007) e Féry & Krifka (2008) apresentam uma linha de argumentação distinta, defendendo que não existe uma relação biunívoca entre entoação e contraste, pese embora o facto de admitirem que determinados contornos entoacionais podem surgir preferencialmente associados a estruturas que veiculam contraste. Porém, um dos aspectos centrais na análise destes autores é o de que, justamente, essa relação entre entoação e contraste é preferencial e não obrigatória. Assim, e contrariamente ao defendido por Büring (2003), Féry (2007) considera que tópico, foco e contraste não são conceitos fonológicos, mas que, na verdade, as suas propriedades fonéticas e fonológicas podem fornecer pistas para a sua interpretação.

No que respeita à possibilidade de a marcação prosódica de contraste ser gradiente, importa referir, em primeiro lugar, que, paralelamente a estudos centrados em estruturas de tópico e de foco, outros estudos contribuem para este debate por se centrarem em elementos gradientes que podem ter um papel relevante na marcação de contraste, como é o caso da ênfase. De acordo com Ladd (2008), a ênfase pode ser definida como um mecanismo paralinguístico que modifica, de forma gradiente, a realização prosódica de determinado item lexical, permitindo destacá-lo. A par desta definição, saliente-se ainda que Ladd (2008) e Ladd & Morton (1997) concluem que valores mais elevados de energia e de amplitude de f_0 podem ser associados a ênfase.

No centro da discussão sobre a realização prosódica de contraste, estudos como Braun & Ladd (2003) e Braun (2006) comparam as propriedades prosódicas de tópicos

contrastivos e não-contrastivos em Alemão. Os autores observam que os tópicos contrastivos se caracterizam por: (i) uma maior duração da vogal acentuada, (ii) um pico de f_0 com valores mais elevados, (iii) um alinhamento do pico de f_0 mais tardio, (iv) uma duração maior do movimento ascendente de f_0 até à vogal acentuada e (v) uma maior amplitude deste movimento face aos tópicos não-contrastivos.

Também para o Alemão, mas considerando estruturas de foco, a análise de Baumann, Grice & Steindamm (2006) coloca em evidência que a realização de foco largo e de foco estreito – sendo o foco contrastivo considerado um subtipo de foco estreito – diferem, crucialmente, pela presença do acento tonal !H* em mais de 50% dos casos de foco largo e pela sua total ausência em casos de foco contrastivo. Além disso, os autores destacam igualmente a importância de pistas fonéticas semelhantes às mencionadas em estudos como Braun & Ladd (2003). Assim, Baumann, Grice & Steindamm (2006) destacam a existência de uma relação entre um domínio do foco mais estreito e (i) uma maior duração do(s) elemento(s) focado(s), (ii) um pico de f_0 mais elevado no acento nuclear, (iii) um movimento ascendente de maior amplitude até ao pico de f_0 no acento nuclear e (iv) um alinhamento mais tardio do pico de f_0 . Note-se, porém, que as medidas de f_0 parecem contribuir mais decisivamente para a distinção entre contextos contrastivos e não-contrastivos. Tais resultados indicam que os falantes, dispendo de pistas gradientes e categóricas para a marcação de contraste, usam ambas.

No que diz respeito ao Italiano, resultados comparáveis aos já descritos são apresentados por Torregrossa (2012) para estruturas de foco contrastivo. O autor defende, pois, que o contraste é marcado através de correlatos fonéticos, estando correlacionado com uma maior duração e amplitude de f_0 da sílaba acentuada do item lexical associado a foco contrastivo. Pelo contrário, os dados revelam que o contraste não afecta o fraseamento nem se encontra associado a acentos tonais específicos.

Por último, refira-se o estudo de Borràs-Comes, Vanrell & Prieto (2010) sobre as propriedades prosódicas de declarativas, frases com foco contrastivo e interrogativas de “eco” em Catalão. Aqui, saliente-se que os resultados indicam que a distinção entre foco contrastivo e declarativas é de natureza gradiente, o que, de acordo com os autores, pode ser compreendido à luz da variação interfalantes. De facto, os autores adiantam que, embora em Catalão e em Espanhol o foco contrastivo se caracterize por uma antecipação do pico máximo de f_0 e por picos de f_0 com valores mais elevados, nem todos os falantes realizam foco contrastivo com picos de f_0 mais elevados face ao observado em contextos de foco largo. De resto, em vários dos estudos acima discutidos (*e.g.*, Braun & Ladd, 2003;

Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010), a variação intra e interfalantes é um argumento adicional a favor da marcação gradiente de contraste.

No caso do PE, e apesar de não existirem estudos especificamente sobre paralelismo por contraste, a literatura tem discutido algumas das propriedades prosódicas associadas a contraste. Em Viana (1987), por exemplo, são analisadas estruturas de foco, sendo a estas associado um “acento de altura” (Viana, 1987, 87), que afecta o pico máximo de f_0 (alinhado com a vogal acentuada do elemento focalizado) e, conseqüentemente, a amplitude do movimento ascendente que precede esse mesmo pico e o movimento descendente que se lhe segue. Por outro lado, Frota (2000) argumenta a favor da marcação categórica de foco, o que se reflecte ao nível dos padrões de acentuação e ao nível da realização tonal do foco. Assim, o elemento focalizado é o mais proeminente independentemente da sua posição na frase e é realizado através dos acentos tonais H^*+L ou $^H^*+L$. Finalmente, Viana & Frota (2007) retomam os acentos tonais associados a foco em Frota (2000) e apresentam dados que indicam que (i) os acentos tonais H^* e $L+H^*$ veiculam informação nova e podem também ser associados a ênfase e (ii) o acento tonal $^H^*$ pode ser encontrado em contextos de ênfase, bem como de especificação ou correcção de informação dada.

3. Metodologia

O presente estudo baseia-se num *corpus* construído a partir do debate político transmitido pela Rádio e Televisão de Portugal a 6 de Novembro de 1975, numa edição especial do programa *Responder ao País* que opôs Álvaro Cunhal (AC) e Mário Soares (MS), enquanto líderes do Partido Comunista Português e do Partido Socialista, respectivamente. Note-se, quanto ao perfil dos informantes, que, à data do debate, MS tinha 50 anos e AC 61 anos, sendo os dois políticos falantes da variedade padrão do PE, uma vez que MS nasceu em Lisboa e AC em Coimbra e que, apesar de terem passado alguns anos exilados no estrangeiro, ambos estudaram e viveram grande parte da sua vida em Lisboa. Além dos secretários-gerais dos dois partidos, participaram no debate, na qualidade de moderadores, os jornalistas José Carlos Megre e Joaquim Letria.

O debate teve a duração de 3:31'07'', tendo sido considerado o tempo de fala de AC e de MS (3:18'10''), mas não as intervenções dos dois moderadores do debate (12'57''). Destaque-se que o tempo de intervenção dos secretários-gerais do Partido Comunista Português e do Partido Socialista se distribui de forma equilibrada, pois o tempo de fala de

AC totaliza 1:38'01'' e o de MS, 1:40'09'. Quanto à transcrição e alinhamento do *corpus*, o debate foi convertido de formato vídeo (*Video Object*) para formato áudio (*WAVEform audio format*), tendo a transcrição sido baseada na transcrição publicada na edição de 8 de Novembro de 1975 do *Diário de Lisboa*, que foi corrigida e alinhada com o sinal acústico com recurso ao programa *Transcriber*.

Antes mesmo da análise das estruturas-alvo, realizou-se um trabalho prévio de identificação e classificação de estruturas de paralelismo. Assim, foi realizado um levantamento de estruturas de paralelismo com o intuito de aferir o peso destas estruturas no debate. A par desta tarefa, as ocorrências de paralelismo foram também classificadas de acordo com uma tipologia composta por seis categorias distintas (cf. tabela 1). Resultado desta tarefa de anotação, foram identificadas e classificadas um total de 391 estruturas de paralelismo: 244 produzidas por AC e 147 por MS.

Tipologia de Estruturas de Paralelismo
<u>Paralelismo de construção</u> : diz respeito à estrutura sintáctica, i.e., à organização das orações ou dos sintagmas produzidos no discurso de modo a formar paralelos.
<u>Paralelismo lexical</u> : compreende o paralelismo lexical por repetição, que corresponde a processos de reiteração de léxico, e o paralelismo lexical escalar, em que as escolhas lexicais conduzem a um efeito de força crescente ou decrescente, criando, assim, uma escala.
<u>Paralelismo temporal</u> : corresponde a situações em que as formas verbais partilham propriedades de tempo, modo ou traços de pessoa e número.
<u>Paralelismo semântico</u> : compreende relações todo/parte (holonímia e meronímia), relações de hierarquia (hiperonímia e hiponímia) e de semelhança/oposição (sinonímia e antonímia).
<u>Paralelismo rimático</u> : diz respeito a fenómenos fonológicos, como rimas ou aliteraões.
<u>Paralelismo prosódico</u> : é definido, na senda de Bolinger (1989) e Wichmann (2000), como um mecanismo de coesão maioritariamente associado a cópia tonal, considerando-se que poderão ser diversos os mecanismos que, perceptivamente, asseguram a sua realização.

Tabela 1: Tipologia de Estruturas de Paralelismo.

Uma observação mais minuciosa das estruturas de paralelismo do *corpus* permitiu identificar um subtipo de estruturas de paralelismo de construção que parece ter um papel relevante na construção de um discurso argumentativo, uma vez que se encontra associado a momentos cruciais de argumentação e contra-argumentação. Este subtipo de paralelismo, de agora em diante denominado paralelismo por contraste (cf. exemplo (1)), é definido como um subtipo de paralelismo de construção em que estruturas gramaticais paralelas veiculam uma proposição que nega ou que restringe a aceitação do valor de verdade de uma outra proposição anteriormente veiculada no discurso e armazenada no mesmo “conjunto contextual” (Stalnaker, 1978; Reinhart, 1982).

(1) Ora, o Partido Socialista já escolheu o seu campo desde sempre. O Partido Socialista é um partido de esquerda, quer instaurar em Portugal uma sociedade socialista, portanto, uma sociedade sem classes, *mas em liberdade, mas respeitando os direitos do homem, mas através da democracia e do consenso popular majoritário, não fará uma revolução, nem irá para um socialismo que transforme este País numa ditadura.* (MS)

De acordo com a definição de paralelismo por contraste enunciada, foram identificados e anotados um total de 47 casos, 37 produzidos por AC e 10 por MS. Note-se que cada caso de paralelismo por contraste é um enunciado composto pela estrutura de paralelismo por contraste e também pelo contexto necessário para assegurar a sua correcta interpretação. Assim, a extensão dos enunciados analisados varia entre 3,2 segundos, para o enunciado mais curto, e 50,5 segundos, para o mais longo.

Quanto à anotação, refira-se, em primeiro lugar, que se considerou pertinente anotar todos os sintagmas entoacionais maiores e menores¹ nos 47 casos de paralelismo por contraste. Resultado desta tarefa, obteve-se um total de 1097 sintagmas entoacionais maiores e menores (789 de AC e 308 de MS). Foi então a partir deste total que se seleccionou uma amostra para uma análise prosódica mais detalhada. Este processo de selecção passou também por classificar os sintagmas entoacionais obtidos de acordo com a sua função no enunciado de que foram extraídos. Deste modo, dois tipos de constituintes prosódicos foram considerados: os constituintes-alvo (T) – sintagmas entoacionais que constituem as estruturas de paralelismo por contraste – e os constituintes de contexto (C) – sintagmas entoacionais que compõem os enunciados em que se encontram as estruturas de paralelismo, fazendo parte do “conjunto contextual”. Adicionalmente, um terceiro conjunto de sintagmas entoacionais maiores e menores foi anotado em frases declarativas neutras (simples ou complexas), sem ordem de palavras marcada, nem uma realização prosódica associada a ênfase retiradas do *corpus*. Este conjunto de sintagmas entoacionais foi classificado como constituintes de controlo (Ctrl), pois a sua inclusão na análise teve como objectivo poder traçar uma comparação entre a realização prosódica de sintagmas

¹ Na senda de trabalhos como Frota (2000) e Viana & Frota (2007), considera-se que, em PE, existem dois níveis de fraseamento, o sintagma entoacional maior e o sintagma entoacional menor.

The prosodic and intonational literature on SEP has differentiated two levels of intonational phrasing and equated both of them to the IP (intonational phrase) type: the major IP (or compound IP) and the minor IP (Frota 2000, extending ideas from Ladd 1992, 1996). These two levels show boundaries of different strength: the major IP boundary (which is the outer boundary) shows a wider pitch range and bigger final lengthening than the minor IP boundary (which is the inner boundary within the compound IP phrase). (Viana & Frota, 2007).

entoacionais em contextos neutros com os sintagmas entoacionais classificados como constituintes-alvo e de contexto.

Tipo de Constituinte	Interviente		
	AC	MS	Total
Constituintes-alvo (T)	115 (28,4%)	116 (28,6%)	231 (57%)
Constituintes de Contexto (C)	46 (11,4%)	53 (13,1%)	99 (24,4%)
Constituintes de Controlo (Ctrl)	38 (9,4%)	37 (9,1%)	75 (18,5%)
Total	199 (49,1%)	206 (50,9%)	405 (100%)

Tabela 2: Constituintes prosódicos seleccionados para análise.

Resultado deste processo de selecção, obtiveram-se 405 sintagmas entoacionais maiores e menores (cf. tabela 2), que foram anotados com recurso ao programa *Praat* (Boersma & Weenink, 2009) e seguindo as convenções estipuladas em *Towards a P_ToBI* (Viana & Frota, 2007). Cada ficheiro *Praat* é composto por: (i) fiada da palavra, com a transcrição ortográfica; (ii) fiada dos índices de ruptura, onde se encontra a anotação dos índices de ruptura de níveis 3 e 4; (iii) fiada de tons, onde foi realizada a anotação do acento pré-nuclear, acento nuclear e tom-fronteira de cada sintagma entoacional. Além disso, foi também considerado para análise um conjunto de medidas acústico-fonéticas. Assim, foram anotadas medidas globais, nas quais se incluem a duração (em segundos), o número de sílabas (fonológicas), os valores máximos e mínimos de energia (em decibéis) e os valores máximos, mínimos e amplitude de f_0 (em semitons (ST)) de cada sintagma entoacional. Já no que diz respeito a medidas locais, foram anotados os valores de f_0 (em ST) correspondentes aos *targets* altos (H) e baixos (L) dos acentos pré-nucleares, nucleares e tons-fronteira. Mencione-se ainda que os dados obtidos através da anotação prosódica foram analisados estatisticamente com recurso ao programa SPSS, versão 18.0.0.

4. Descrição e discussão dos dados²

A análise estatística realizada sobre os dados mostra que existe uma correlação entre as estruturas estudadas e os parâmetros prosódicos e evidencia a existência de diferenças entre os dois intervenientes no debate em vários dos parâmetros analisados.

Em relação a este último aspecto, a análise das medidas acústico-fonéticas mostra que existem diferenças estatisticamente significativas entre AC e MS nos parâmetros duração ($U = 17865$, $p = ,025$), número de sílabas ($U = 13108$, $p < ,001$), máximo de energia ($U = 14509$, $p < ,001$) e máximo ($U = 17078$, $p = ,004$) e mínimo ($U = 15709$, $p < ,001$) de f_0 .

² Para uma descrição detalhada dos dados apresentados nesta secção, ver Cardoso (2012).

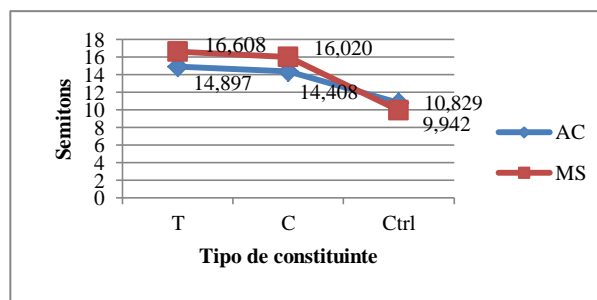
No caso das medidas locais, diferenças significativas foram encontradas para o máximo ($U = 2314$, $p < ,001$) e mínimo ($U = 2484$, $p = ,001$) de f_0 do acento pré-nuclear, bem como para o máximo de f_0 do acento nuclear ($U = 17422$, $p = ,009$). Também os acentos nucleares ($\chi^2 (1) = 9,332$, $p = ,009$) e os tons-fronteira ($\chi^2 (2) = 10,258$, $p = ,001$) apresentam diferenças por interveniente, estando estes resultados em linha com o descrito para outras línguas acerca da variação interfalantes e da sua importância como argumento adicional a favor de uma marcação gradiente de contraste (e.g., Braun & Ladd, 2003; Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010).

A par da análise estatística por interveniente, foi realizada uma análise por tipo de constituinte, para se procurar saber se existe uma correlação entre os diferentes tipos de constituintes considerados – T, C e Ctrl – e as propriedades prosódicas analisadas. Assim, quanto aos parâmetros duração e número de sílabas, registam-se diferenças significativas entre T e C (duração: ($U = 8957,5$, $p = ,002$), número de sílabas: ($U = 9388,5$, $p = ,010$)) e, também, entre C e Ctrl (duração: ($U = 2341$, $p < ,001$), número de sílabas: ($U = 2600$, $p = ,001$)). Tais resultados indicam que os valores de T e Ctrl são mais próximos e mais baixos do que os de C (cf. tabela 3). Apesar de ser talvez mais expectável que os valores de T estivessem mais distantes dos verificados em Ctrl, uma possível interpretação destes resultados pode ser avançada com base numa estratégia de acentuação e fraseamento cujo intuito é o de enfatizar palavras funcionais, com o objectivo de chamar a atenção do interlocutor (Bolinger, 1989). Com efeito, observa-se frequentemente, no *corpus*, que conjunções, conectores ou partículas de negação (e.g., “mas”, “pelo contrário”) formam um sintagma entoacional independente e são realizados de forma enfática. Por conseguinte, verifica-se uma menor duração e um número de sílabas inferior em T, face a, por exemplo, C.

Duração (segundos)			Número de sílabas		
Tipo de constituinte	Interveniente		Tipo de constituinte	Interveniente	
	AC	MS		AC	MS
T	0,894	0,751	T	7,28	4,70
C	0,985	0,963	C	8,46	6,13
Ctrl	0,707	0,737	Ctrl	5,53	4,81

Tabela 3: Valores médios de duração e número de sílabas.

Por outro lado, os resultados obtidos para os parâmetros energia e f_0 mostram um comportamento diferente do descrito anteriormente. Assim, verifica-se, para as medidas globais, que as medidas de energia e de f_0 exibem um padrão que aproxima os valores de T e de C e que, crucialmente, afasta os valores de ambos dos de Ctrl (cf. gráfico 1).

Gráfico 1: Máximo de f_0 – valores médios.

Tal conclusão é apoiada pela existência de diferenças significativas entre T e Ctrl e também entre C e Ctrl no máximo de energia (T e Ctrl ($U = 6386$, $p = ,001$); C e Ctrl ($U = 2660$, $p = ,001$)); no máximo de f_0 (T e Ctrl ($U = 3149$, $p < ,001$), C e Ctrl ($U = 1114$, $p < ,001$)); e no mínimo de f_0 (T e Ctrl ($U = 4910$, $p < ,001$), C e Ctrl ($U = 2478$, $p < ,001$)). Além disso, saliente-se que a amplitude de f_0 é o único parâmetro que evidencia diferenças entre os três tipos de constituinte (T e Ctrl ($U = 6289$, $p < ,001$), C e Ctrl ($U = 2012$, $p < ,001$), T e C ($U = 9420$, $p = ,011$)).

Os dados relativos às medidas locais, por sua vez, corroboram o padrão descrito para a energia e f_0 , pois foram encontradas diferenças significativas, uma vez mais, entre os constituintes T e Ctrl em todos os parâmetros analisados: máximo de f_0 ($U = 208$, $p < ,001$) e mínimo de f_0 ($U = 285$, $p = ,004$) dos acentos pré-nucleares; máximo de f_0 ($U = 4281$, $p < ,001$) e mínimo de f_0 ($U = 5113,5$, $p < ,001$) dos acentos nucleares; e máximo de f_0 ($U = 720$, $p < ,001$) e mínimo de f_0 ($F(2, 160) = 4,985$, $p = ,014$) dos tons-fronteira. Além disso, existem diferenças estatisticamente significativas entre C e Ctrl no máximo de f_0 ($U = 82$, $p < ,001$) dos acentos pré-nucleares e no máximo de f_0 ($U = 1385$, $p < ,001$) e mínimo de f_0 ($U = 1876$, $p < ,001$) dos acentos nucleares.

Posto isto, é possível afirmar que os resultados obtidos apontam no sentido de haver um padrão predominante que distancia C de Ctrl e, sobretudo, T de Ctrl. Todavia, importa lembrar que nem sempre foram encontradas diferenças significativas entre C e Ctrl e que raramente se verificam entre T e C. Tal aspecto sugere, pois, que existe uma tendência para os constituintes T e Ctrl se posicionarem nos dois extremos de um *continuum* em que os constituintes C ocupam uma posição intermédia.

Centrando agora a discussão nos acentos tonais e tons-fronteira, apenas os acentos pré-nucleares evidenciam uma correlação positiva entre a distribuição de acentos tonais e o tipo de constituinte. Ainda assim, é de salientar que os resultados obtidos para os acentos pré-nucleares apresentam o mesmo padrão dos parâmetros energia e f_0 , ou seja, existem

diferenças significativas entre T e Ctrl ($\chi^2(1) = 6,647, p = ,016$) e entre C e Ctrl ($\chi^2(1) = 6,025, p = ,029$).

Ainda quanto à distribuição dos acentos tonais em posição pré-nuclear, refira-se que os acentos ^H* , L+H* , L+^H* e ^H*+L não ocorrem em constituintes Ctrl (cf. tabela 4). Não obstante, não parece haver aqui uma relação de biunivocidade entre acentos tonais e tipos de constituinte, indicando, assim, os dados que não existe uma categoria fonológica associada especificamente a constituintes que veiculam contraste em estruturas de paralelismo.

	H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	H+L*	L*	N (%)
T	45	9	10	5	12	-	21	8	110 (64)
C	17	1	10	7	1	2	10	3	51 (29,7)
Ctrl	3	-	-	-	1	-	4	3	11 (6,4)
N (%)	65 (37,8)	10 (5,8)	20 (11,6)	12 (7)	14 (8,1)	2 (1,2)	35 (20,3)	14 (8,1)	172 (100)

Tabela 4: Distribuição de acentos pré-nucleares por tipo de constituinte.

Pelo contrário, e tal como referido, a distribuição dos acentos nucleares e tons-fronteira apenas apresenta diferenças entre falantes, facto que parece reforçar a ideia de que não existe uma relação biunívoca entre acentos tonais e tipo de constituinte. Importa, todavia, salientar um ponto em comum entre a distribuição dos acentos pré-nucleares e dos acentos nucleares, nomeadamente o facto de os acentos tonais ^H* , L+^H* , ^H*+L e !H* não ocorrerem em posição nuclear nos constituintes Ctrl (cf. tabela 5).

	H*	^H*	L+H*	L+^H*	H*+L	^H*+L	!H*	L*+H	H+L*	L*	N (%)
T	43	6	71	16	12	3	5	1	48	26	231 (57)
C	19	3	30	3	10	1	1	-	25	7	99 (24,4)
Ctrl	20	-	18	-	5	-	-	-	17	15	75 (18,5)
N (%)	82 (22,2)	9 (2,2)	119 (29,4)	19 (4,7)	27 (6,7)	4 (1)	6 (1,5)	1 (0,2)	90 (22,2)	48 (11,9)	405 (100)

Tabela 5: Distribuição de acentos nucleares por tipo de constituinte.

Finalmente, note-se que a distribuição dos tons-fronteira indica uma maior frequência (44,2%) de fronteiras altas em T do que em C (34,3%) e Ctrl (33,3%). Esta tendência pode estar relacionada com a complexidade dos enunciados com estruturas de paralelismo por

contraste. Uma vez que tais enunciados podem ser compostos por um número variável de frases complexas, com estruturas de coordenação, subordinação, parentéticas, etc., e podem ter uma extensão variável (cf. exemplo (1)), o recurso a fronteiras altas pode ter como objectivo veicular continuidade.

Considerando os resultados apresentados, coloca-se a hipótese de que as medidas locais e globais de f_0 se destacam na marcação de estruturas de paralelismo por contraste. Deste modo, a marcação prosódica destas estruturas é comparável ao descrito para outras línguas acerca de estruturas de contraste (Braun & Ladd, 2003; Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010; Torregrossa, 2012). Tal como estudos sobre estruturas de tópico e de foco contrastivo têm vindo a mostrar, a alteração dos níveis de f_0 parece ser crucial na marcação prosódica de contraste, parecendo os dados sobre paralelismo por contraste em PE apontar no mesmo sentido.

Por outro lado, os dados relativos à energia parecem ter um papel secundário na marcação de contraste em estruturas de paralelismo. Contudo, se se considerar que os níveis máximos de energia apresentam um comportamento semelhante ao verificado para os níveis de f_0 em geral, é possível avançar a hipótese de que os níveis de energia e de f_0 , em conjunto, contribuem para uma marcação enfática destas estruturas de paralelismo. Desta forma, a ênfase pode ser encarada como um elemento gradiente adicional, na mesma linha do postulado por Ladd (2008) e Ladd & Morton (1997).

Pelo contrário, as categorias fonológicas não parecem destacar-se da mesma forma que os parâmetros acústico-fonéticos na marcação prosódica do paralelismo por contraste. Na verdade, e como já referido, apenas no caso dos acentos pré-nucleares a sua distribuição revela uma correlação significativa face ao tipo de constituinte. Além disso, é crucial que, tanto em posição pré-nuclear, como em posição nuclear, ou ainda nos tons-fronteira, não seja visível uma relação de obrigatoriedade entre entoação e as estruturas em causa. Ainda assim, é de salientar que parece existir uma relação preferencial entre constituintes T e C e acentos tonais com *targets* altos alinhados com a sílaba acentuada. Este aspecto reflecte-se na maior frequência de acentos tonais altos e ascendentes em T e C e, mais importante, no facto de determinados acentos tonais não serem realizados por AC e MS nos constituintes Ctrl: $\wedge H^*$, $L+H^*$ e $L+\wedge H^*$, em posição pré-nuclear, e $\wedge H^*$, $L+\wedge H^*$, $\wedge H^*+L$ e $!H^*$, em posição nuclear. Note-se ainda que se verifica a presença, em T e C, de acentos tonais associados em PE a informação nova – H^* e $L+H^*$ (Viana & Frota, 2007) – foco – H^*+L e $\wedge H^*+L$ (Frota, 2000) – e ênfase – H^* e $\wedge H^*$ (Viana & Frota, 2007).

Assinale-se ainda que os valores mais próximos entre T e C detectados em muitos dos parâmetros podem ser explicados à luz do conceito de “conjunto contextual” (Stalnaker, 1978; Reinhart, 1982). Assim, os constituintes C podem contribuir para uma interpretação adequada do valor contrastivo veiculado pelas estruturas de paralelismo, na medida em que as estratégias utilizadas na produção de constituintes T e C permitem estabelecer uma linha de continuidade entre eles. Ou seja, pode colocar-se a hipótese de os constituintes que servem de contexto àqueles que veiculam contraste terem também um papel relevante na marcação prosódica deste valor semântico-discursivo.

Neste ponto, importa ainda deixar uma nota acerca da relevância dos dados aqui apresentados para o estudo da prosódia do PE. Assim sendo, e embora se esteja a falar aqui de estruturas particularmente produtivas em contextos discursivos argumentativos, considera-se que os dados apresentados, principalmente no que diz respeito à descrição entoacional, são relevantes pois reflectem o inventário de acentos tonais e tons-fronteira já descrito para o PE. Além disso, tal facto parece também indicar que, apesar de os dados descritos terem já algumas décadas, o seu estudo continua a ser pertinente para a formulação de hipóteses respeitantes ao PE contemporâneo.

Por último, considera-se pertinente discutir de que forma o paralelismo por contraste afecta o fraseamento e a melodia dos enunciados. Neste contexto, é possível assinalar algumas estratégias de cópia e de contraste usadas pelos dois intervenientes no debate. Em primeiro lugar, foram identificadas estratégias de fraseamento prosódico, como é o caso da existência de um fraseamento idêntico das sequências construídas como semelhantes ou contrastantes. O exemplo (2) ilustra esta estratégia, sendo composto por três orações em que o sintagma preposicional que se segue ao verbo de cópula forma um sintagma entoacional diferente daquele em que se encontra o verbo.

(2) Nós pensamos / que, na verdade, // há que definir um estatuto, // mas que esse estatuto // é necessário defini-lo // com os próprios trabalhadores, / *que não é / por medidas administrativas, // não é / por medidas repressivas, // não é / por pequenos golpes de Estado // (...).* (AC).³

A regularidade ao nível do fraseamento ilustrada em (2) está de acordo com o que a literatura define como paralelismo entoacional, dado que a sua definição tradicional como

³ Nos exemplos apresentados na presente secção do trabalho, a barra simples (/) representa uma fronteira de sintagma entoacional menor e a barra dupla (//) representa uma fronteira de sintagma entoacional maior.

cópia tonal entre acentos nucleares de grupos tonais contíguos (Palmer, 1922; Crystal, 1969; Fox, 1984; Bolinger, 1989) implica a assumpção de tal regularidade. Todavia, à semelhança do descrito por Wichmann (2000) para o Inglês, regista-se uma outra estratégia caracterizada pelo facto de a cópia tonal se manter mesmo perante alterações ao nível do fraseamento prosódico entre orações (cf. exemplo (3)).

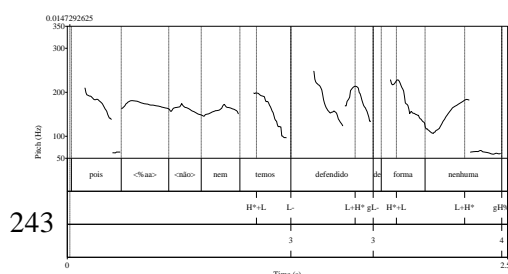
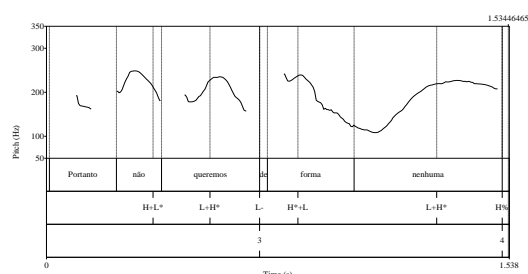
(3) Se / o Partido Comunista [H* H+L* gL%] // vier um dia // rectificar as suas posições, // (...) se / o Partido [H* !H-] / Comunista [H+L* gL%] // renunciar, // portanto, à sua teoria / golpista / e vanguardista, // (...). (MS).

Como mostra o exemplo (3), embora o sintagma nominal “o Partido Comunista” forme um único sintagma entoacional na primeira oração e dois na segunda, esta alteração não muda a estratégia de cópia tonal usada por MS, já que o acento pré--nuclear da primeira ocorrência do sintagma nominal (H*) surge como acento nuclear do sintagma entoacional composto por “o Partido”, enquanto o acento nuclear e tom--fronteira da primeira ocorrência do sintagma nominal (H+L* gL%) é depois o acento nuclear e tom--fronteira do sintagma entoacional que corresponde a “Comunista”.

Posto isto, é de salientar que o paralelismo por contraste influencia a organização melódica dos enunciados, reflectindo-se em estratégias de cópia e de contraste. Assim, e quanto a estratégias de cópia tonal, assinalem-se dois tipos de estratégia. Por um lado, a cópia tonal entre constituintes prosódicos contíguos, como previsto na literatura sobre paralelismo entoacional (Palmer, 1922; Crystal, 1969; Fox, 1984; Bolinger, 1989; Wichmann, 2000) (cf. exemplo (4), em que a cópia tonal se associa ao acento nuclear, sendo fundamental o acento tonal evidenciar um movimento ascendente).

(4) Nós [L+H* XH-] / somos pela unidade [L+H* gL-] / na base [L+H* gL-] / e sempre o dissemos [L* H* L%], // mas não pela unidade imposta pelo Estado, # não os sindicatos transformados em correias de transmissão do Partido Comunista. (MS).

Por outro lado, existe um tipo de cópia tonal que evidencia a interface sintaxe--prosódia, já que envolve constituintes com a mesma função sintáctica (cf. figura 1).



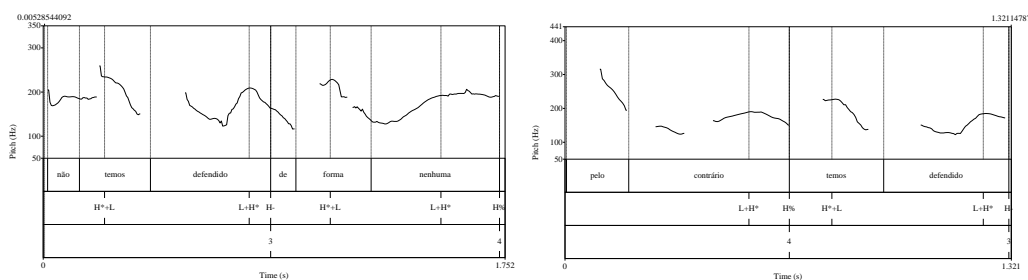


Figura 1: Exemplo de paralelismo entoacional entre constituintes com a mesma função sintáctica.

Em relação ao exemplo da figura 1, os sintagmas entoacionais em que se incluem os verbos (“Portanto, não queremos”, “pois nem temos defendido”, “não temos defendido”, “temos defendido”) apresentam cópia tonal e contornos de f_0 semelhantes. O mesmo se pode dizer para os sintagmas entoacionais formados pelo modificador preposicional “de forma nenhuma” e pelo conector preposicional “pelo contrário”.

Relativamente às estratégias de contraste, refira-se que estão em jogo, crucialmente, as relações entre a estrutura prosódica, a estrutura sintáctica e a estrutura proposicional dos enunciados. Assim, assinala-se a associação de diferentes acentos tonais ou contornos entoacionais a constituintes prosódicos que veiculam as proposições cujo valor de verdade é contrastado nas estruturas de paralelismo. Esta estratégia pode traduzir-se, por exemplo, na produção de acentos tonais com movimentos de f_0 distintos (*e.g.*, movimentos ascendentes e descendentes), em mudanças ao nível do alinhamento do *target* (alto ou baixo) com a sílaba acentuada ou na alteração da amplitude do movimento de f_0 . Veja-se, a este propósito, o exemplo (5) no qual se pode observar que os sintagmas entoacionais formados por “constituiu-se” e por “tem condições” apresentam acentos nucleares ascendentes, ao passo que os sintagmas entoacionais associados a contraste (constituídos por “não tem” e “é”) apresentam acentos nucleares descendentes.

(5) O Governo / constituiu-se, [L+H* gH%] // o Governo / tem condições [H* L+H* XH%] // para marchar, // este Governo, // a meu ver, // não tem [L+H* H+L* XL-] / alternativa de esquerda, // é [H*+L XL%] // # um governo / de esquerda // (...). (MS).

5. Conclusão

O presente artigo centrou-se no estudo da realização prosódica de contraste em PE, discutindo, para tal, estruturas de paralelismo por contraste. A escolha destas estruturas foi

motivada pelo tipo de *corpus* analisado, já que estruturas de paralelismo e, em particular, de paralelismo por contraste parecem ter um papel relevante na coesão do discurso argumentativo e, nomeadamente, do debate político.

Assim sendo, procurou-se responder a três questões fundamentais: (i) que propriedades prosódicas caracterizam estruturas de paralelismo por contraste?; (ii) a marcação prosódica do paralelismo por contraste é categórica ou gradiente?; e (iii) o paralelismo por contraste reflecte-se ao nível do mapeamento sintaxe-prosódica, afectando o fraseamento e a melodia dos enunciados?.

Quanto à primeira questão, os dados provenientes da análise de parâmetros fonéticos e fonológicos indicam que o paralelismo por contraste possui propriedades acústicas diferenciadoras, mas que não existe biunivocidade entre acento tonal e tipo de constituinte. Estes resultados parecem, pois, apontar no sentido de a marcação de estruturas de paralelismo por contraste ser gradiente. Com efeito, e considerando a segunda questão, o facto de as propriedades acústicas e fonéticas associadas a estruturas de paralelismo por contraste serem mais determinantes sugere, justamente, esta conclusão. Crucialmente, estes dados vão ao encontro do descrito para outras línguas – Alemão, Italiano e Catalão – sobre a marcação prosódica de contraste (Braun & Ladd, 2003; Baumann, Grice & Steindamm, 2006; Borràs-Comes, Vanrell & Prieto, 2010; Torregrossa, 2012).

Finalmente, e face à terceira questão, uma análise qualitativa dos dados permitiu evidenciar que o paralelismo por contraste influencia a organização temporal e melódica dos enunciados em que é produzido. Neste sentido, foram aqui apresentadas algumas estratégias de fraseamento e de cópia e contraste tonal que envolvem estruturas de paralelismo por contraste. Estas estratégias permitem argumentar a favor do papel crucial da interface sintaxe-prosódica no que diz respeito ao paralelismo por contraste enquanto mecanismo de coesão.

6. Referências

- Que Futuro para a Esquerda?, *Diário de Lisboa*, 8 de Novembro de 1975.
- Baumann, S., M. Grice & S. Steindamm (2006) Prosodic marking of focus domains – categorical or gradient?. *Proceedings of Speech Prosody 2006*, Dresden, 301-304.
- Boersma, P. & D. Weenink (2009) Praat: doing phonetics by computer. In <http://www.praat.org/>.
- Bolinger, D. (1989) *Intonation and its Uses*. Londres: Edward Arnold.

- Borràs-Comes, J., M. d. M. Vanrell & P. Prieto (2010) The role of pitch range in establishing intonational contrasts in Catalan. *Proceedings of Speech Prosody 2010*, Chicago, 11-14 (on CD-ROM).
- Büring, D. (2003) On D-Trees, Beans, and B-Accents. *Linguistics & Philosophy* 26 (5), 511-545.
- Braun, B. (2006) Phonetics and phonology of thematic contrast in German. *Language and Speech* 49 (4), 451-493.
- Braun, B. & D. R. Ladd (2003) Prosodic correlates of contrastive and non-contrastive themes in German. *Proceedings of the 8th Eurospeech*, Geneva, 789-792.
- Cardoso, A. (2012) *Parâmetros de Qualidade no Discurso Público Argumentativo: Paralelismo por Contraste e Carisma*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Crystal, D. (1969) *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: CUP.
- Duarte, I. (2003) Aspectos linguísticos da organização textual. In M. H. M. Mateus *et al.* (org.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5.^a edição, 85-123.
- Féry, C. (2007) The Fallacy of Invariant Phonological Correlates of Information Structural Notions. In C. Féry, G. Fanselow & M. Krifka (eds.) *The Notions of Information Structure*. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam, 160-181.
- Féry, C. & M. Krifka (2008) Information structure. Notional distinctions, ways of expression. In P. van Sterkenburg (ed.) *Unity and diversity of languages*. Amsterdão: John Benjamins, 123-136.
- Fox, A. (1984) Subordinating and Co-ordinating Intonation Structures in the Articulation of Discourse. In D. Gibbon & H. Richter (ed.) *Intonation, Accent and Rhythm. Studies in Discourse Phonology*. Berlin/New York: de Gruyter, 120-133.
- Frota, S. (2000) *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Halliday, M. & R. Hasan (1976) *Cohesion in English*. Londres: Longman.
- Ladd, R. (2008) *Intonational Phonology*. Cambridge/New York: CUP, 2.^a edição.
- Ladd, R. & R. Morton (1997) The perception of intonational emphasis: continuous or categorical?. *JPhon*, 25, 313-342.
- Palmer, H. E. (1922) *English Intonation, with Systematic Exercises*. Cambridge: W. Heffer & Sons Ltd..
- Reinhart, T. (1982) Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. *Philosophica* 27 (1), 53-94.

- Stalnaker, R. (1978) Assertion. In P. Cole (org.) *Syntax and Semantics. 9. Pragmatics*. New York: Academic Press, 315-332.
- Steedman, M. (2000) Information structure and the syntax-phonology interface. *Linguistic Inquiry* 31 (4), 649-689.
- Torregrossa, J. (2012) The linguistic encoding of contrast. Comunicação apresentada no *38th Incontro di Grammatica Generativa*, Verona, 23-25 de Fevereiro.
- Viana, M. C. (1987) *Para a síntese da entoação do Português*. Dissertação de Carreira de Investigação, Universidade de Lisboa.
- Viana, M. C. & S. Frota (coords.) (2007) Towards a P_ToBI. (Colaboradoras: I. Falé, F. Fernandes, I. Marcarenhas, A. I. Mata, H. Moniz & M. Vigário). *Workshop on the Transcription of Intonation in the Ibero-Romance Languages, PaPI 2007*, Universidade do Minho, Junho. In <http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/sonsemelodias/p-tobi/p-tobi.htm>.
- Wichmann, A. (2000) *Intonation in Text and Discourse: Beginnings, Middles and Ends*. Londres: Longman/Pearson Education.